

**NÃO HÁ VAGAS**

# Busca por emprego já leva dois anos para 2,3 milhões

**Na crise, longa espera atinge 20% dos desempregados no país**

Número dobrou desde 2014. Jovens são os mais afetados por dificuldades no mercado de trabalho

A recessão prolongou o tempo que os brasileiros que perderam o emprego levam para reconquistar uma vaga. No ano passado, 20% dos desempregados estavam há pelo menos dois anos sem trabalho. Havia 2,3 milhões nessa situação, e 4,4 milhões

procuravam emprego há mais de um ano, segundo dados do IBGE. Especialistas afirmam que os jovens são os mais afetados e alertam que, quanto maior a demora, mais difícil será para o trabalhador se recolocar no mercado. **PÁGINA 17**

# Espera mais longa

Entre os 11,8 milhões de desempregados, 20% procuram emprego há pelo menos dois anos

DAIANE COSTA

daiane.costa@oglobo.com.br

Ainda que pese os sinais de melhora na economia e a afirmação do ministro Henrique Meirelles de que o país já está saindo da recessão, o desemprego não dá trégua e se torna cada vez mais longo. Em 2016, quase 20% dos 11,8 milhões de desempregados já procuravam uma vaga por pelo menos dois anos. Em relação a 2014, esse grupo explodiu, crescendo 90%: passou de 1,2 milhão de pessoas para 2,3 milhões no ano passado. Uma realidade que, para analistas, dificulta ainda mais a tão esperada retomada da economia.

— Quanto mais se demora para conseguir um emprego, mais aumentam as dificuldades de contratação, pois esses trabalhadores perdem seu capital humano específico e conhecimentos práticos. Ficam enferrujados. E quem está empregado passa a agir como se tivesse sem emprego, freando o consumo, com medo de ser demitido e de demorar muito tempo para se reinserir no mercado — analisa Marcelo Neri, diretor do FGV Social.

Também explodiu o grupo de brasileiros que ficou de um ano a menos dois anos buscando trabalho. Passou de 1 milhão de pessoas em 2014 para 2,16 milhões em 2016, alta de 104%. Somados, são 4,46 milhões de tra-

balhadores procurando emprego há mais de um ano. Os dados foram divulgados pelo IBGE ontem.

O levantamento mostra ainda que, em 2016, a falta de trabalho atingia um contingente bem maior, de 22,6 milhões de brasileiros, se considerados os 11,8 milhões que estavam desempregados; outros que estavam disponíveis para trabalhar, mas, por algum motivo, ainda não tinham procurado vaga; e aqueles que queriam trabalhar mais, pois se encontravam subocupadas em empregos que consumiam menos de 40 horas por semana. Esse grupo cresceu 46% entre 2014 e 2016.

— Você tem muito mais pessoas procurando emprego num mercado que praticamente não contrata. Isso leva ao aumento do tempo de procura e prejudica especialmente o jovem, que é o grupo mais atingido pelo desemprego. Eles estão vendo a sua entrada no mercado adiada pela crise, perdendo a oportunidade de adquirir experiência. Uma pessoa que está empregada é mais produtiva, tende a estar sempre atualizada — complementa José Ronaldo de Castro Souza Júnior, coordenador do Grupo de Estudos de Conjuntura e Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Ipea.

Neri também alertou para o custo social do desemprego mais longo. Este gera frustração e adia a entrada no mercado de jovens que, re-

cém-formados, buscam o primeiro emprego:

— O desemprego no Brasil sempre foi de baixa duração, com probabilidade de 40% dos desempregados mudarem de status de um mês para outro.

No ano passado, todos os estados mais o Distrito Federal tiveram taxas recordes de desemprego, se considerada toda a série histórica da pesquisa do IBGE, iniciada em 2012. O estado da Bahia registrou a maior taxa média de desemprego entre todas as unidades da federação, com 15,9%. Em seguida, vieram Amapá, com 15,5%, e Pernambuco, com 14,5%. O Rio de Janeiro ficou praticamente em linha com a média nacional (11,5%), ao registrar taxa de desemprego de 11,7%. Em São Paulo, o índice ficou em 12,3%.

— O desemprego é mais alto na Bahia porque a população preta e parda é maior, e esse grupo tem muito mais dificuldades de se inserir no mercado de trabalho. Não é questão de escolaridade, que nem é tão baixa na Bahia, é a questão da cor — analisa Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Renda do IBGE.

“

“O aumento do tempo de procura prejudica especialmente o jovem, grupo mais atingido pelo desemprego”

**José Ronaldo de Castro Souza Júnior**  
Coordenador do Ipea

#### PRETOS E PARDOS GANHAM MENOS

Os números do quarto trimestre do ano passado são uma mostra dessa desigualdade. As taxas de desemprego das pessoas de cor preta (14,4%) e parda (14,1%) ficaram acima da média nacional (12%), enquanto a dos brancos foi de 9,5%.

O rendimento médio real habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas no país foi estimado no 4º trimestre de 2016 em R\$ 2.043. Ficou estável em relação ao trimestre anterior e ao mesmo período do ano anterior. O rendimento dos brancos, estimado em R\$ 2.660, não só ficou acima da média nacional, como bem superior ao de pardos (R\$ 1.480) e pretos (R\$ 1.461).

— Quando se compara o rendimento, há um abismo em relação à população branca. São

diferenças históricas e culturais de falta de oportunidade. E, mesmo quando pretos e pardos se inserem no mercado, têm dificuldades de ter os mesmos direitos dos brancos — comenta Cimar.

Neri, do FGV Social, destaca, no entanto, a estabilização da renda:

— O lado mais difícil da crise é o desemprego de longa duração, mas os salários pararam de cair com a desaceleração da inflação. Quando o mercado de trabalho registrou seu pior momento, no segundo trimestre do ano passado, dois terços da queda da renda eram efeito da inflação. ●



LISTA: SALÁRIOS DE ATÉ  
R\$ 8 MIL NO MERCADO  
DE TRABALHO

Veja cinco áreas  
que prometem estar  
em alta em 2017

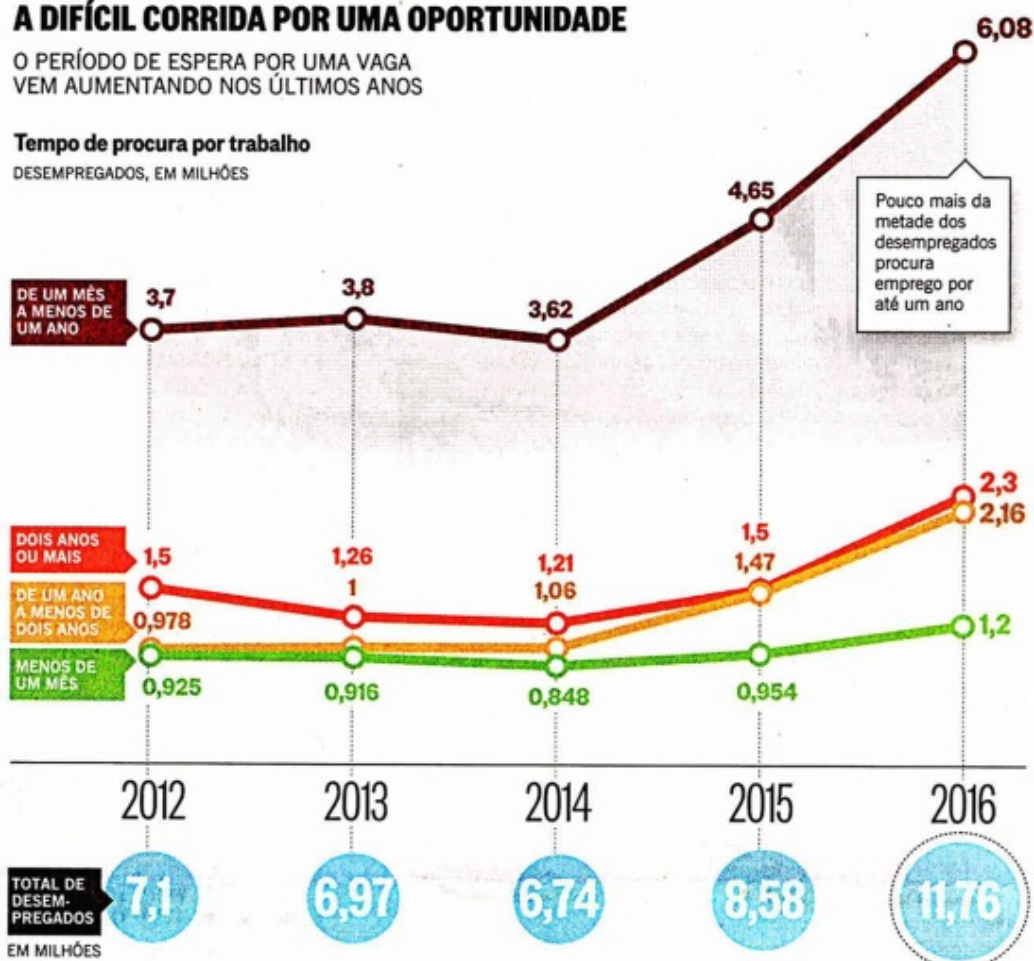
[glo.bo/2fR3iCX](http://glo.bo/2fR3iCX)

## A DIFÍCIL CORRIDA POR UMA OPORTUNIDADE

O PERÍODO DE ESPERA POR UMA VAGA VEM AUMENTANDO NOS ÚLTIMOS ANOS

### Tempo de procura por trabalho

DESEMPREGADOS, EM MILHÕES



### OS NÚMEROS DE 2016

Faltava emprego para

**22,6**  
milhões

de pessoas em 2016

São brasileiros que, além dos 11,76 milhões de desempregados, estavam disponíveis para trabalhar ou queriam trabalhar mais, pois se encontravam subocupados em empregos que consumiam menos de 40 horas por semana

